

Métodos como a degola, lapidação e crucificação, ainda vulgares em países como a Arábia Saudita para crimes de adultério e outros, podem vir a ser restaurados na República Islâmica de Portugal. Tal como lá, os corpos degolados podem ficar em exibição nas praças públicas para servirem de exemplo a adúlteras (os).

Isto traria os benefícios de entreter a enorme massa de voyeurs portugueses que gosta de parar em autoestradas para ver incêndios, acidentes de trânsito com fatalidades e outras mórbidas expressões tão ao gosto deste povo fadista.

Por outro lado, satisfazia alguns coletivos de juizes portugueses que citam bíblia e códigos civis de 1800 e pico, colocando Portugal na linha da frente nesta Europa que se vai islamizando rapidamente, numa luta contra a devassidão da mulher nas sociedades ocidentais que parece nunca mais ter fim nestes últimos 60 anos.

Igualmente se pode considerar a reposição das leis vigentes nos tempos áureos em que a Ibéria era o forte e portentoso reino das luzes e da cultura de Al Andalus. Claro que há que fazer urgentemente alterações à Constituição debochada do país, permitindo haréns, poligamia, pedofilia infantil no tocante aos casamentos com jovens puras e virginais de mais de sete anos de idade para satisfazer as necessidades congénitas do macho andaluz. Também nos trajes pervertidos e depravados se espera a entrada em vigora de novas leis evitando a degeneração do corpo sagrado da mulher que não pode nem deve ser vista por homens.

Espera-se porém a oposição inicial dos canais de TV ainda não nacionalizados a estas medidas pois vai retirar espetadores às telenovelas com os espetáculos nas praças públicas mas após a nacionalização da TVI, SIC e outros tudo entrará na normalidade sacrossanta dos costumes desvelados que fizeram do islamismo a religião mais progressistas na terra.